

ENTREVISTA COM FRANÇOISE DUFOUR¹

ENTREVISTA REALIZADA POR

Maycon Silva AGUIAR²

TRADUÇÃO DE

Cláudio de A. PÁDUA³

Rodrigo Pereira da Silva ROSA⁴

Yasmin Tavares de SOUZA⁵

¹ **N. M. S. A.:** Gostaria de agradecer a Françoise Dufour, que foi muito gentil comigo em todas as mensagens compartilhadas. Gostaria de agradecer, também, a Tania Conceição Clemente de Souza, a Rosane da Conceição Pereira, a Cláudio de A. Pádua, a Rodrigo Pereira da Silva Rosa e a Yasmin Tavares de Souza por suas valiosas contribuições.

² Editor da Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som. E-mail: mayconsilvaaguiar@mn.ufrj.br.

³ Bacharel em Engenharia Naval e Oceânica e mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: claudio_padua@hotmail.com.

⁴ Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: rodrigopereirasr@gmail.com.

⁵ Graduada em Letras (Língua Portuguesa e Literaturas) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e especializanda em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Estácio de Sá. E-mail: yasmintsouza@gmail.com.




Envolvida em estudos para a Comissão Europeia ou para o PNUD, engenheira de formação, apaixonada por línguas, Françoise Dufour decidiu retomar seus estudos e, na área de Linguística, defendeu uma tese sobre as ligações entre o discurso desenvolvimentista e a ideologia colonialista.

Nesta entrevista ao nosso editor Maycon Silva Aguiar, ela nos conta um pouco do seu trajeto e de suas pesquisas; discorre sobre o discurso colonialista, o racismo, os discursos não científicos, a questão dos imigrantes e dos refugiados; e comenta sobre a Análise do Discurso e os caminhos pelos quais a disciplina vem trilhando, onde atualmente se encontra e para onde se encaminha.

1. M. S. A. *Você se estabeleceu como pesquisadora independente nos mais prestigiados centros de produção de conhecimento franceses e se tornou conhecida por isso. Quais são as vantagens e as desvantagens de não se filiar a um centro de produção de conhecimento? Quais fatores levaram você a uma carreira de pesquisadora independente? Nessa decisão, há alguma influência política?*

F. D. É uma pergunta difícil, mas obrigada por fazê-la, e estou feliz por saber que sou conhecida no Brasil como pesquisadora independente. Obtive meu doutorado muito tarde, em 2007, já aos 55 anos. Eu tinha uma vida profissional antes de retomar os estudos universitários em Linguística. Trabalhei como especialista *freelance* em desenvolvimento de projetos financiados pelo PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Nova Iorque), pela CE (Comissão Europeia, Bruxelas),





pela OMT (Organização Mundial do Turismo, Madri) na África Subsaariana, mas também na Mongólia, na Armênia, na Crimeia, na Palestina... Minha especialização era na área de desenvolvimento do turismo, mas também trabalhei com artesanato, moda, alimentos & bebidas. Eu era muito crítica quanto ao tipo de assistência que essas organizações internacionais estavam oferecendo; paga pelo orçamento das linhas de financiamento ao desenvolvimento, mas beneficiando empresas de consultoria e consórcios empresariais. Eu estava particularmente preocupada com a dominação estabelecida pelos discursos e pelas interações com os países “assistidos”, o que os colocavam em uma posição inferior.

Por esta razão, no meu tempo livre, fiz cursos de Linguística na Universidade de Montpellier 3. Na época, eu não tinha nenhuma ambição em me tornar uma pesquisadora. Estava motivada a entender o desconforto que encontrei durante minhas missões de campo, e isto me levou a elaborar uma dissertação sobre a dominação colonial e pós-colonial nos discursos sobre a África, na região do Mali e seu entorno. Em 2002, decidi parar minhas atividades profissionais e me dedicar integralmente à pesquisa, enquanto ensinava Análise do Discurso.

A idade foi um obstáculo para o recrutamento acadêmico, da mesma forma que a natureza excessivamente transdisciplinar da minha tese que não se encaixava claramente no campo disciplinar da linguística pura ou no das outras ciências sociais que lidam com questões (pós) coloniais.

Consequentemente, tive que trabalhar em outros projetos de pesquisa para me manter. Trabalhei em temas como sensorialidade ou com pesquisa acadêmica, mas sempre fui conhecida pelos meus trabalhos



sobre “colonialidade”⁶. Mesmo tendo sido contratada como pesquisadora somente sobre outros temas, eu continuava pesquisando sobre esse tema, sobre o qual era frequentemente solicitada a dar conferências.

Entre os diferentes projetos em que me envolvi, tive a oportunidade de fazer parte de laboratórios de pesquisa na França (aquilo que você chamou de centros de produção de conhecimento) e de uma equipe de pesquisa no Reino Unido. Tem-me sido muito enriquecedor ir de um para o outro, o que contribui para ampliar meu conhecimento e minha vivência.

Atualmente, como pesquisadora independente (*freelancer*), assino meus trabalhos sob o nome de *La Langagière* (<http://la-langagiere.net>). Sou mais livre na escolha dos meus temas de pesquisa do que pesquisadores ligados a instituições que, cada vez mais, precisam solicitar fundos a agências de pesquisa nacionais ou internacionais para financiar seus projetos.

M. S. A. Nas perguntas de 2 a 7, há algumas referências à estrutura política em diferentes áreas. A proposta era que se obtivessem respostas em que se reunissem a opinião de Mme Dufour como pesquisadora e as bases teóricas da Análise do Discurso – na opinião da pesquisadora, levando em

⁶ **N. T.:** A entrevistada utiliza o termo, em inglês, *coloniality*, em vez de *colonialism*. Anibal Quijano explica que “*colonialism*” se refere à condição de colonização imposta à força, por meio da presença de uma administração colonial, aos moldes cunhados durante o período do colonialismo clássico, enquanto utiliza o termo “*coloniality*” para se referir à “situação colonial” atual, em que as administrações coloniais estão praticamente extintas e cujo modelo de processo está fundamentado em uma nova forma de colonialismo, na qual um capitalismo estadunidense/eurocêntrico se desenvolveu a partir da opressão/exploração cultural, política, sexual e econômica de determinados grupos étnicos dominados por e subordinados a outros grupos étnicos, sem que haja a necessidade da presença de administrações coloniais, praticamente erradicadas no atual sistema capitalista mundial. (QUIJANO, A. & ENNIS, M., *Coloniality of Power, Eurocentrism, and Latina America, Nepantla: Views from the South*, v. 1/3, 2000).

conta sua experiência nos temas abordados, e com base nas teorias da Análise do Discurso, procurando tratar as questões como objetos de pesquisa, dando-lhes o tratamento teórico apropriado.

2. M. S. A *Em um de seus livros, De l'idéologie coloniale à celle du développement. Une analyse du discours France-Afrique⁷ (L'Harmattan, 2010) é feita uma profunda análise das relações coloniais entre França e África. No Brasil, o período vivido como colônia portuguesa deixou o legado de altas taxas de concentração de renda e marginalização, resultado das políticas públicas tanto para os povos nativos do território (comunidades indígenas) quanto para os descendentes dos africanos traficados para cá. Atualmente, não obstante algumas discussões e ações tenham sido tomadas no Brasil para diminuir as desigualdades sociais, desde antes da eleição do presidente Jair Messias Bolsonaro, a quantidade de discursos extremistas que negam as consequências da exploração colonial e da escravidão para a formação da sociedade brasileira, retratando o processo de colonização de maneira otimista e falaciosa, tem aumentado. Na sua opinião, o uso de discursos não-científicos⁸ como estratégia política está*

⁷ **N. T.:** “Da ideologia colonialista à ideologia do desenvolvimento. Uma análise do discurso França-África”. (tradução livre).

⁸ **N. M. S. A.:** Para responder a estas perguntas, considere que me refiro a “discursos não-científicos” como a reprodução de discursos que foram atestados e reconhecidos pelas investigações científicas como infundados. Um excelente exemplo disso, hoje em dia, é a retomada de discursos “terraplanistas”, embora sem qualquer base científica. Portanto, o discurso não-científico é aquele que despreza a contribuição das investigações científicas na construção de um determinado argumento.



*associado à crescente agenda conservadora por todo o mundo?
Até que ponto o aumento da agenda de debates depende da
reescrita dos fatos históricos?*

F. D. Sem dúvida, a representação positiva dos efeitos da colonização para população colonizada sempre foi usada como uma forma de dar algum crédito à colonização, sublinhando fatos tangíveis, como a implantação de infraestrutura nas colônias: escolas, hospitais, estradas etc.

Tentar apresentar alguns aspectos positivos advindos da colonização é o que foi feito com a lei de 23 de fevereiro de 2005, votada pelo Parlamento francês sob o mandato do presidente de direita Jacques Chirac. Em seu artigo 4º, impunha-se aos professores que apresentassem uma avaliação positiva da colonização: “Os currículos escolares identificam, especificamente, o papel positivo da presença da França no exterior, especialmente na África do Norte”, cuja redação “presença francesa no exterior” foi utilizada como eufemismo para “colonização”. A sentença foi excluída no ano seguinte, após intenso debate e pela contestação da Argélia e dos partidos e associações esquerdistas franceses. Vários historiadores acreditam que a redação do artigo 4º contradiga a realidade histórica e possa ser interpretada como uma tentativa de negar que toda colonização tenha sido danosa e violenta para com as populações.

Reinterpretar fatos históricos e manipular dados são práticas comuns nos discursos populistas de extrema-direita.

3· M. S. A. *Nos artigos “La stéréotypie comme processus de dominance dans les discours sur le Mali: des discours coloniaux aux discours*



du développement”⁹ e “Catégorisation, stéréotypie et dialogisme: la nomination comme expression de points de vue”¹⁰, estereótipos são considerados como uma estratégia de dominação social. O uso de discursos não-científicos como estratégia política pode ser considerado uma forma de estereotipagem?

F. D. Eu não diria que a estereotipagem é uma “estratégia” da dominação social, mas age como tal, ou seja, produz dominação social. Em meus trabalhos sobre estereótipos, mostrei como os estereótipos discursivos colonialistas foram reformulados no Discurso do desenvolvimento: desde nomes colonialistas como *bárbaros, selvagens, primitivos* (que se relacionavam à ignorância, à preguiça, à indiferença etc.) a *subdesenvolvidos, menos avançados*. Esta produção de categorias binárias: *subdesenvolvido* versus *desenvolvido, avançado* versus *menos avançado*, deve ser analisada no âmbito da ideologia dominante de Progresso. Neste caso, não se trata estritamente de um discurso não-científico que sirva como argumento político para dominação, mas a crença de que crescimento, riqueza, Razão, conhecimento científico etc. são indicadores de algo chamado “desenvolvimento”. Se o progresso sem fim for considerado a norma, de acordo com critérios estabelecidos pelos dominadores, as sociedades que não responderem a esses critérios serão estereotipadas e obrigadas a obedecerem a essa norma.

⁹ **N. T.:** “O estereótipo como processo de dominação no discurso sobre o Mali: discursos coloniais nos discursos do desenvolvimento” (tradução livre).

¹⁰ **N. T.:** “Categorização, estereótipo e dialogismo: a nomeação como expressão de pontos de vista” (tradução livre).



Certamente, as nações que estão no topo se beneficiam com esta situação, pois podem prestar assistência e manter os assistidos sob controle.

Entretanto, o discurso não-científico é usado frequentemente para validar estereótipos de certas categorias de pessoas, especialmente em contexto de eleições. Por exemplo, Marine Le Pen, da extrema direita, candidata às eleições presidenciais na França, habitualmente estigmatizou muçulmanos para ganhar mais votos, mas o fez de forma indireta, manipulando informações que não tenham sido verificadas. Em 2012, ela afirmou que toda carne distribuída em Île-de-France¹¹ era, sem o conhecimento dos consumidores, “exclusivamente” processada segundo os preceitos islâmicos¹². Ela baseou sua declaração em uma reportagem de uma revista eletrônica televisiva intitulada “A carne em todos os seus estados”, que demonstrava que mais e mais animais eram abatidos quando estavam conscientes e não adormecidos. A submissão a um requisito de comida religiosa baseada em notícias falsas foi argumentada como sinal de alerta da importação de uma cultura exógena na sociedade francesa. A referência à carne “*halal*” distribuída ao povo francês serviu de metáfora para invasão e aculturação, formulada implicitamente.

Usar discursos não-científicos e notícias falsas para influenciar a opinião pública é, certamente, um terreno fértil para a estereotipagem. Contudo, será que o uso do discurso não-científico como estratégia política pode ser

¹¹ **N. T.:** Região administrativa da República Francesa que compreende 11 departamentos, entre os quais se encontra a cidade de Paris.

¹² **N. T.:** A entrevistada se refere a “*halal meat*”. “*Halal*”, que em árabe significa “permitido” e se opõe a “*haram*” (proibição ou pecado), é uma expressão que indica que a carne, seja de animais ou de aves, para o consumo dos muçulmanos é proveniente de abate e tratamento em conformidade com as leis islâmicas, como estipuladas no Corão.



uma forma de estereótipo? Vale a pena investigar mais detalhadamente, e seria muito interessante que alguém o fizesse. A propósito, daria um bom projeto de pesquisa!

4. M. S. A. *Quais discursos sobre ex-colônias são frequentemente ouvidos na sociedade francesa? Podemos dizer que, como no Brasil, essa sociedade tem uma tendência purista que se choca violentamente com seu processo histórico de formação? Por exemplo, a sociedade francesa nega esse processo histórico (inteiramente ou parcialmente) e suas consequências?*

F. D. Mais do que negar o seu processo histórico de formação, a sociedade francesa ignora essa parte da sua história. Discursos focam na imigração, sem vincular esse fenômeno à colonização. É uma espécie de impensado. A maioria da segunda e terceira geração de norte-africanos e subsaarianos que nasceram na França e têm nacionalidade francesa não é tratada de maneira justa, quando comparados aos chamados “verdadeiros franceses”, e ainda sofre discriminação (controle de polícia, discriminação nas contratações etc.) “A diversidade” é uma fórmula em circulação nos discursos que cobram por mais descendentes de imigrantes nas mídias, na esfera política etc. Essa denominação de “diversidade” que não inclui todos os estratos da sociedade, mas somente as minorias, valeria a pena ser analisada pela Análise do Discurso, pois carrega em si o que o movimento de descolonização chama de “diferença colonial”. Me refiro às noções de “colonialidade do poder” e da “diferença colonial” cunhadas pelos pesquisadores latino-americanos Anibal Quijano e Enrique Dussel que as conceberam como



lugares de enunciação: há um capítulo da história humana silenciado pelos discursos sobre modernidade e civilização ocidental.


5. M. S. A. *A administração francesa é responsável por monitorar o desenvolvimento de ex-colônias como um meio de lhes proporcionar justiça social, uma vez que foi responsável, em parte, por sua situação social atual?*

F. D. Em minha opinião, não. As ex-colônias conquistaram suas independências, e a colonização faz parte de seus passados históricos. Elas são agora estados independentes que são capazes de decidir livremente por seu destino, e reivindicam isso. O único papel com o qual a administração francesa deveria lidar é o cancelamento da dívida, o que não é de se esperar que se faça.

A assistência ao desenvolvimento é uma forma de manter a dependência e a dominação, como mostrei em meu livro (*De l'idéologie coloniale à celle du développement*, 2010). A dominação está em jogo quando antigas nações coloniais interferem na governança de estados independentes livres. Monitorar o desenvolvimento das antigas colônias significa primeiro considerar que elas não conseguem controlar suas próprias situações sociais; segundo, interferir em seus negócios; terceiro, traçar seus destinos por meios dos valores dominadores do “Norte Global”.

6. M. S. A. *Com respeito às relações entre colônia e colonizador, você se sente confortável o suficiente para traçar paralelos entre os processos de colonização na África e no Brasil?*





F. D. Cada discurso colonial é específico, porque os contextos histórico e cultural são diferentes. No entanto, a “colonialidade”, desde o início, é um “sistema mundial”, inserido na “economia capitalista mundial”, como um sistema (WALLERSTEIN, 1974). Conseqüentemente, podemos analisar a “colonialidade” e as relações entre colônia e colonizador, por uma perspectiva tanto comparativa quanto transversal. As mesmas ligações poderiam ser estabelecidas entre o poder colonial e a hegemonia cultural e, correspondentemente, entre a resistência política e a emancipação do conhecimento, como na visão de “O fim do império cognitivo” (SOUSA SANTOS, 2011). Não importa qual forma de poder colonialista que tenha sido exercida nos distintos domínios dos impérios coloniais europeus (belga, britânico, holandês, francês, português, espanhol etc.), sempre houve discursos dominantes de comparação entre civilizações e modernidade que reduziam ao silêncio as outras vozes que eram consideradas inferiores.

Como não sou especialista na colonização do Brasil, se tivesse que “traçar paralelos entre os processos de colonização na África e no Brasil”, do ponto de vista dos analistas do discurso, compararia as duas formações discursivas. Os sistemas coloniais francês e português eram ambos patriarcais. O conceito de “raça” tem sido uma das categorias sobre as quais se alicerçou o sistema colonial, em articulação com o de classe social: “classes sociais têm uma cor” escreveu H. Quijano (2000).

A hegemonia cultural foi e continua sendo a mola mestra partilhada pelo imperialismo. Como escreveu o poeta e ensaísta martinicano Aimé Césaire: “a ordem colonial existe pela desordem cultural que sobrevém” (1959). A “colonialidade cultural” (Dussel) que é comum à maioria dos



processos de (pós)dominação colonial tem sido e ainda é estabelecida às custas das culturas indígenas.

7. **M. S. A.** *A questão da imigração é outro tema de relevância social que aparece representado em sua produção acadêmica. Em um artigo recente, esse tema é abordado a partir de uma perspectiva que inclui o conceito de identidade nacional. Nos últimos tempos, a análise dos processos de imigração teve de considerar os movimentos migratórios dos grupos de refugiados sociais. Como a ideia de identidade nacional atravessa a constituição de grupos de refugiados sociais — que são forçados a deixar seu território e se encontram na condição de viver em um território em que serão permanentemente OS OUTROS — e estarão à margem de qualquer noção de pertencimento. Como essa questão do pertencimento é tratada pela política pública francesa?*

F. D. A França tem experimentado uma taxa de imigração relativamente estável desde a década de 1970, contrariando a ideia que sustenta o conceito de “crise dos imigrantes” para o qual o partido de extrema-direita contribuiu com uma enxurrada de cifras espetaculares: desde 2005, os números da imigração têm sido estáveis. No entanto, não só o partido de extrema-direita, mas a maioria dos partidos políticos faz o jogo da crise de imigração: estigmatizam os imigrantes e bradam pela regulamentação da imigração, que é considerada uma ameaça para a sociedade e a cultura francesas. Como eu disse na questão 3, a proteção da “identidade francesa” associada à questão da segurança é frequentemente invocada como um argumento político.



● ● ●

Migrantes ou refugiados: houve um animado debate semântico para decidir como nomear as pessoas que chegam às costas europeias depois de cruzar o Mediterrâneo colocando suas vidas em risco. O termo *migrantes* ressoa negativamente, ecoando imigração que não tem uma boa reputação, especialmente por causa do seu uso com *objetivos* populistas. Nem todos migrantes não são considerados refugiados que, por definição, são “obrigados a fugir se quiserem salvar suas vidas ou preservar sua liberdade”, segundo a definição do ACNUR. Conseguir o status de refugiado com concessão da permanência de residência por dez anos é uma corrida de obstáculos. Os migrantes econômicos não são reconhecidos como refugiados, mas os refugiados também são migrantes. Felizmente, existem, aqui na França, ONGs que lutam contra toda forma de discriminação e defendem os direitos das pessoas que fogem do seu país de origem, sejam migrantes, solicitantes de asilo ou refugiados.

8. M. S. A. *No Brasil, a Análise do Discurso é forçada a justificar sua afiliação acadêmica com a linguística, pois aqueles que se dizem linguistas rejeitam em seu meio uma disciplina que se baseia na psicanálise e na teoria marxista para estudar a língua humana. Para esses linguistas, é inconcebível que conceitos como a ideologia sejam aplicados ao estudo da linguagem humana. Como é o diálogo entre a Análise do Discurso e outras áreas interessados em estudar a linguagem humana na França?*

F. D. *A Análise do Discurso, baseada na obra de Michel Foucault e de Michel Pêcheux e sua equipe, na França, esteve historicamente ligada*



à disciplina da Linguística. Muitas outras disciplinas, como ciência política, história e sociologia também praticam a análise do discurso graças ao uso de métodos de processamento de textos que permitem a exploração de grandes *corpora*. Eles analisam o léxico usado, mas não os marcadores linguísticos como os linguistas fazem. Há, agora, o diálogo entre disciplinas e entre pesquisadores que utilizam a análise do discurso, e um campo internacional de “Estudos do Discurso” está emergindo, principalmente nas ciências sociais. Mas, no que me diz respeito, ainda desejo que meus trabalhos estejam relacionados à Análise do Discurso.

9. M. S. A. *Qual foi o seu último trabalho? Pode me contar um pouco sobre isso? Quais têm sido seus interesses de pesquisa?*

F. D. Meu trabalho mais recente foi num projeto do ERC (European Research Council), liderado pelo professor Johannes Angermuller na Universidade de Warwick (Reino Unido). O projeto DISCONEX (“A Construção Discursiva da Excelência Acadêmica”) investigou as práticas sociais dos pesquisadores, seus conhecimentos e carreiras. A equipe comparou sistemas acadêmicos e culturas de pesquisa em ciências sociais e humanas na França, na Alemanha, no Reino Unido e nos EUA, particularmente em dois campos com distintas tradições de conhecimento e culturas institucionais: linguística e sociologia. Minha pesquisa pessoal foi focada nos *ins* e *outs* da visibilidade dos pesquisadores na *net*, particularmente nas ligações entre o reconhecimento acadêmico e a injunção de visibilidade no contexto da ideologia acadêmica atual.

Meus interesses atuais de pesquisa são os efeitos da transferência sem tradução de termos pertencentes a universos culturais dominantes



para outros que não têm a mesma práxis cultural. Chamo de “dominância discursiva” o uso de marcadores linguísticos e de modalidades enunciativas que contribuem para impor um significado dominante e estabelecer uma ordem de lugares. A transferência de termos expressos em línguas dominantes (francês, inglês, espanhol, português) para comunidades indígenas que falam outras línguas é um tipo de “dominância discursiva”... Isso resulta em um “imperialismo de significado” (Lafont 1978) exercido pela generalização da práxis da linguística ocidental que tem efeitos semânticos, nocionais e práticos sobre os universos linguístico e cultural alvo. Analiso esses fenômenos com Análise do Discurso e linguística antropológica, mais especificamente “praxemática”, uma abordagem linguística desenvolvida em Montpellier pelo círculo de Robert Lafont.

10·M. S. A. *Na sua opinião, que caminhos teóricos caracterizarão a Análise do Discurso francesa nos próximos anos? Em que os pesquisadores tendem a investir? O que eles vão conseguir abandonar?*

F. D. Como mencionado acima, a Análise do Discurso agora está equipada com *software* de texto no âmbito do que é chamado de Humanidades Digitais. Conseqüentemente, a análise quantitativa baseada no processamento de dados textuais (linguística de *corpus*) tende a substituir a Análise do Discurso, às vezes em detrimento da excelência analítico qualitativa. Os esforços estão focados em processar dados e torná-los acessíveis por meio de visualizações e gráficos.



Os analistas do discurso agora falam frequentemente de “análise discursiva” em vez de “análise do discurso”. Esse deslocamento de discurso para discursiva é significativo, na minha opinião, pois a palavra “discurso” no singular tinha um forte significado na Análise do Discurso francesa anterior.

Também foram estabelecidas pontes com a sociolinguística, o interacionismo, a etnometodologia, porque a Análise do Discurso também analisa as interações orais e, às vezes, os sociolinguistas se autodenominam analistas do discurso e vice-versa.

Eu diria que a Análise do Discurso francesa perdeu sua especificidade como Análise do Discurso “à la française”, devido aos fluxos transnacionais de conhecimento e pesquisa, mesmo que ainda permaneça mais focada linguisticamente do que outras abordagens no Reino Unido, nos EUA e na Alemanha.

